

A Comunicação: da epistemologia ao empírico¹
Communication: from epistemology to the empiric
Lucrécia D'Alessio Ferrara²

Resumo

Na fronteira científica entre a epistemologia da comunicação e a produção de conhecimento, analisa-se a mudança da atividade empírica quando supera a recursividade conceitual e metodológica que, em geral, caracteriza aquela prática. Nessa superação, surgem outros horizontes investigativos liderados pela dúvida, pela observação fenomênica, pela pergunta por ela suscitada e pela exigência histórica de saber perguntar a fim de que a sagacidade daquela observação seja contemplada. O desenvolvimento dessa análise apoia-se nas contribuições de dois epistemólogos notáveis: Gregory Bateson, e Bruno Latour que, na atualidade, propõe a corajosa superação da sociologia clássica pela sociologia das associações, salientando a dimensão política que confere à ciência e se relaciona ao exercício epistemológico da comunicação.

Palavras chave; comunicação, epistemologia, empiria, dúvida, pergunta

Abstract

On the scientific boundary between the epistemology of communication and the production of knowledge, we analyze the change that affects empirical activity when it surpasses methodological and conceptual recursiveness, which characterize such practice. In this supplantation, other investigative scenarios arise as a result of doubt, phenomenal observation, the questions posed by it and the historical requirement of knowing how- to-ask in order to contemplate the sagacity of the observation. The development is supported by the contributions of Gregory Bateson and Bruno Latour who, at present, postulates a bold overcoming of classic sociology by the sociology of association, highlighting the political dimension that it brings to science and that we aim to relate to the epistemological exercise of communication.

Key words; communication, epistemology, empiria, doubt, question

1.Uma questão em fronteira

Ora, para o espírito científico, *traçar claramente uma fronteira é já ultrapassá-la*. A fronteira científica é menos um limite do que uma zona de pensamentos particularmente ativos. Um domínio de assimilação. Pelo contrário, a fronteira imposta pelo metafísico apresenta-se ao sábio como uma espécie de fronteira neutra, abandonada, indiferente. (Bachelard, 1971, p 25)

¹ Trabalho apresentado ao GT de Epistemologia da Comunicação por ocasião da realização da XXIII Encontro Anual da Compós na Universidade Federal do Pará, Belém de 27 a 30 Maio 2014

² ²Lucrécia D'Alessio Ferrara, professor doutor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUCSP. (ldferrara@hotmail.com)

É o tropo dos nossos tempos colocar a questão da cultura na esfera do além. Na virada do século, preocupa-nos menos a aniquilação – a morte do autor – ou a epifania – o nascimento do “sujeito” Nossa existência hoje é marcada por uma tenebrosa sensação de sobrevivência, de viver nas fronteiras do “presente” para as quais não parece haver nome próprio além do atual e controvertido deslizamento do prefixo “pós”...(Bhabha, 2007, p19)

La frontera del espacio semiótico no es um concepto artificial, sino una importantísima posición funcional y estructural que determina la esencia del mecanismo semiótico de la misma. La frontera es um mecanismo bilingue que traduce los mensajes externos al lenguaje interno de la semiosfera y a la inversa. (Lotman, 1996, p. 26)³

As epígrafes anteriores conduzirão a reflexão que se situa no limite entre cultura e ciência, conhecimento e produção de conhecimento, epistemologia e empiria. Em todos esses casos, parece tratar-se não de singularidades, mas de fronteiras plurais e múltiplas que estabelecem zonas intervalares e destituem o caráter de divisão ou de separação que parece estar subjacente na palavra limite, substituindo-a por fronteira que intensifica o sentido intervalar. Cria-se entre cultura, ciência, conhecimento e produção de conhecimento, epistemologia e empiria um lugar “entre”, heterotópico que não pertence nem ao lugar reconhecido geográfica e historicamente pela cultura, nem ao domínio celebrado pela ciência: se no primeiro caso, estamos na fronteira que considera identidades e subjetividades para negá-las, invertê-las ou estranhá-las; no segundo caso, estamos no território daquilo que não se reconhece porque não se identifica com o que já se conhece.

Habitar a heterotopia desse espaço “entre” nos leva à produção de lógicas culturais e científicas que exigem o olhar inquieto e não se perturba entre aquilo que surge como estranho, deslocado, desviado ou em crise. Desenvolver a acuidade a esse olhar, é o que se exige da antropologia ou da comunicação, da ciência ou do cientista.

Se a antropologia precisa superar a certeza confirmativa dos dados etnográficos, a comunicação deve ultrapassar a certeza daquilo que a faz se reconhecer, apenas, através da utilização dos meios técnicos. Do seu lado, a ciência precisa desenvolver a ousadia de procurar para poder ver além daquilo que se entende como científico.

³ A fronteira do espaço semiótico não é um conceito artificial, mas uma importantíssima posição funcional e estrutural que determina a essência do próprio mecanismo semiótico. A fronteira é um mecanismo bilingue que traduz mensagens externas à linguagem interna à semiosfera e o inverso (Lotman, 1996, p.26)

Nesse sentido, a fronteira surge como categoria que, sem nos limitar, nos permite entender o que ocorre nas frestas, nas brechas da cultura ou da ciência e constitui condição para compreender a complexidade dos nossos dias: compreender a dinâmica que leva à inclusão do híbrido como fronteira étnica ou da experiência, como possibilidade de conhecer sem rótulos ou sem conceitos. A complexidade contemporânea exige que se trabalhe nas frestas heterotópicas da cultura que tende ao resgate de identidades sem registros, ou da ciência que só se realiza se ousar superar os limites impostas pelos conceitos ou pelas teorias. Nos dois casos, é necessário rever para poder ver e rever quer dizer duvidar.

Esse trabalho procura entender a fronteira que, na comunicação, se estabelece entre o conhecimento e sua produção, entre a epistemologia e a pesquisa empírica que parece surgir como atividade arriscada, porque coloca em crise as certezas estabelecidas pelas teorias ou pelos conceitos e surge ameaçada pela desconfiança de uma atividade para-científica ou um lugar “entre” a ciência e o objeto pesquisado, espaço heterotópico que não se enfrenta, porque não é validado como certeza. A atividade empírica se coloca entre a certeza teórica e metodológica e a pergunta que se debruça sobre o empírico e procura saber aquilo que a epistemologia não consolidou. Entre a epistemologia e a empiria se coloca uma zona intervalar, uma fresta através da qual é possível entrever outra epistemologia.

2. A fronteira como fresta entre certezas

2.1. O empírico

Mas, o que é o empírico? Tentar responder a essa questão é fundamental se quisermos prosseguir nossa reflexão, porque há diversas respostas a essa pergunta que poderiam assombrar pela sua banalidade, ou seja, há um senso comum na definição do empírico. Embora circunscrito ao território de uma filosofia do conhecimento, Gaston Bachelard se envolveu em análoga pergunta e sua indagação atinge a constatação própria ao domínio filosófico:

....julgando afastar qualquer preocupação filosófica, a ciência do século passado oferecia-se como um conhecimento homogêneo, como a ciência do nosso próprio mundo, no contato da experiência cotidiana, organizada por uma razão universal e estável, com a

sansão final do nosso interesse comum.... A ciência e a filosofia falavam a mesma linguagem. (Bachelard, 1971, p 15)

Nessa adesão e conforme Bachelard, confundia-se o empírico com o fenômeno e acreditava-se que, ancorado na certeza filosófica, o conhecimento poderia, com confiança, apoiar-se numa decifração/descrição do fenômeno para esgotar suas variáveis, sem cogitar se haveria real adequação entre o fenômeno e sua explicação. As ciências experimentais, a física e a química, na indagação do universo do muito pequeno (Prigogine, 1984, pg 210) o átomo, vem perturbar esse território que parecia inabalável.

Bachelard se posiciona definitivamente contra a posição empírica que se desenvolve a partir da observação comum validada pela tessitura teórica apoiada em justificativas plausíveis, racionais para um empírico entendido como apreensão descritiva de fenômenos comuns, apontando a necessidade urgente daquilo que chamou de “ruptura epistemológica” contra o senso comum.

Nesse tenso território, Boaventura de Sousa Santos tece severa crítica à posição de Bachelard contra o senso comum, pois entendeu, equivocadamente, naquela posição:

“um paradigma cuja forma de conhecimento procede pela transformação da relação eu/tu em relação sujeito/objeto, uma relação feita de distância, estranhamento mútuo e de subordinação total do objeto ao sujeito” (Santos, 2002, p 37)

Ao contrário, parece que a tensão entre os dois cientistas não decorre tanto da possibilidade de considerar ou desconsiderar o senso comum, mas da complexa relação que se estabelece entre a epistemologia e a atividade empírica, quase sempre confundida com a aderência ao objeto, à sua descrição e explicação emanada dos domínios filosóficos ou da prática do senso comum. A polêmica gerada pela tensão entre ciência e senso comum reforça a necessidade de responder à questão proposta no início desse item.

Parece que, nos dois casos, entende-se a atividade empírica como adesão “às coisas mesmas”, ao fenômeno que se presta à descrição e justifica uma ciência menos dogmática, linear e progressiva, mas descritiva. Ao contrário. o empírico deve ser entendido como prudente afastamento dos crivos descritivos que, em geral, caracterizam posições aderentes a uma fenomenologia, frequentemente parcial, porque submissa a óticas subjetivas que valorizam alguns aspectos em detrimento de outros, quando não se concilia com posições

existencialistas de foco individual e hermenêutico. Sem os condicionamentos fenomenológicos, a necessidade empírica do conhecimento mostra-se na sua complexidade e exige outras atitudes do pesquisador, agora transformado em agente ou sujeito não do conhecimento, mas atento às perguntas que formula para ser possível conhecer o que não se conhece. De todo modo, a validade da pergunta anterior permanece.

2.2. A dúvida sobre o empírico

Afastando-se do descritivo fenomênico, parece pouco restar ao empírico como atividade científica, salvo se assumir que não pode se confundir com o objeto investigado a fim de, sem evidências, procurá-lo como algo que, produzido, se esconde sob as próprias relações que o produzem. O empírico atuaria sobre algo escondido que não se confunde com o significado que pode ser revelado como uma hermenêutica. Ao contrário, esse escondido, nada esconde porque deve ser produzido para atuar como objeto científico, portanto, urge distinguir o objeto pesquisado daquele empírico que se constrói pela dúvida sugerida pela própria observação empírica. Daí a diferença entre a pesquisa que se restringe à descrição, mais ou menos detalhada, do objeto em pesquisa e aquela que decorre da sagacidade de uma pergunta inspirada pela dúvida sugerida pela observação do objeto. Esse cuidado permite superar a redundância que, em geral, está presente em pesquisas que, na comunicação, se atrelam às dimensões rigorosamente fenomenológicas de captura descritiva do objeto.

Portanto, o empírico não se confunde com o objeto de pesquisa, assim como não se mistura com as certezas conferidas, teórica e metodologicamente, pela estrutura epistemológica.

Flusser em texto breve, mas antológico propõe outra caracterização de objeto para a ciência:

Toda teoria do conhecimento, se quiser ser científica no sentido moderno, pressupõe um objeto a ser conhecido, por mais que possa circunscrever tal objeto. De maneira que a ciência moderna é incompetente para tais encontros, é obrigada a transformar o “outro” em objeto. Tal objetivação do sujeito é possível, e de fato é feita com frequência crescente. Vários métodos de objetivação são disponíveis: o da violência, o da persuasão e o da manipulação sorrateira do sujeito....Mas o preço pago por tal extensão da competência científica para incluir o homem e a sociedade é alto. O diálogo é sacrificado, e com ele é sacrificado o reconhecimento, em prol do conhecimento. O resultado é a *solidão* do

conhecimento: um conhecimento não reconhecido, nem reconhecível. Pois se o conhecimento não for reconhecido dialogicamente, se não for resultado de diálogo e se não se dirigir rumo ao outro, passa a ser absurdo. (Flusser, 1983, pg 52/53)

Nessa ciência que necessita da assimetria entre sujeito e objeto a fim de ser possível criar a relação de alteridades dialogantes, o empírico é o avesso da epistemologia e nada conserva da pureza que lhe é conferida pela certeza.

Ao contrário, o empírico é o território da dúvida e se confunde com as perguntas que fazemos ao objeto de pesquisa a fim de apreendê-lo na complexidade que lhe vem da observação do presente e do passado que o registrou. Ou seja, a dúvida e a pergunta empírica só se fazem atuantes através da observação do objeto e das perguntas que lhe foram feitas no passado. Existe, portanto, um presente empírico e um passado histórico das perguntas feitas. O empírico é construído pela pergunta que orienta sua atividade e pela aprendizagem das possíveis maneiras de perguntar; não considera, apenas, a dúvida da qual emana a pergunta, mas considera a sutil necessidade de saber como perguntar: uma metáfora que passa a substituir o próprio fenômeno em pesquisa. Decorrem daí a originalidade epistemológica da pesquisa e seu possível interesse científico.

O conjunto dessas reflexões é inspirado pelos trabalhos de Gregory Bateson que, desde a década de 40 do século XX, se dedicou ao estudo das dimensões epistemológicas da ciência produzida, primeiro, sob a égide da recursividade e, depois, pelos alcances quando consegue dela afastar-se. Entendida como “rede de ideias” (Bateson, 2006, pg 256), a epistemologia surge como uma complexidade: “matriz fértil” que dá origem a outras ideias, ou como vitalidade para outras ideias que se desdobram ou emanam da própria matriz epistemológica que lhes deu origem. Nos dois casos, a epistemologia é reiterativa, é entendida como base da recursividade cognitiva e constitui obstáculo para a produção do conhecimento. Conforme Flusser também observa anos mais tarde, Bateson assinala que, com a recursividade, sobra para a ciência a linearidade do já visto e conhecido que passa a ser reconhecido se apoiado na irrefutável prova da repetição de suas incidências. Nesse caso, encontra na quantificação sua melhor arma reiterada pela relação entre causas e efeitos que define a cientificidade pela irrevogável prova de invariantes, desprezando variáveis ou singularidades que não apresentam clara justificativa entre efeitos e causas que constitui elemento fundamental de toda ciência nomológica. Nos dois casos, caminha-se para classificações, quando não para a

redundância contida nas tipologias que dão garantias às classificações, ou seja, o como e o por que mostram-se frágeis para a apreensão de processos e para a percepção de diferenças que Bateson chama de “cismogenesis”(2006, p 263), entendida como momentos de mudança de direção ou de características que atestam a interação de elementos constituintes de um processo e geradores daquela mudança e das diferenças que lhe são inerentes e estão na base do célebre conceito de “duplo vínculo” formulado por Bateson.

Formular uma pergunta sugere saber o “como” que faz surgir um objeto empírico, mais do que desvendar o seu por que; a epistemologia proposta por aquela acuidade reside em saber como nasce uma ideia, plasmada em uma pergunta formulada pela dúvida e pela observação do modo como uma pergunta surge e enquanto insubordinação ao modo como outras perguntas foram formuladas ao mesmo objeto científico. Saber como nasce uma ideia constitui o cerne da proposta epistemológica do autor:

Esa red de ideas o matriz fue fértil, no en el sentido de que diera nacimiento a ideas separadas de ella misma, sino en el sentido de que hizo nacer otras partes de sí misma, pues la matriz fue algo que creció y se fue haciendo cada vez mas compleja, cada vez más amplia en su alcance y, según creo, cada vez más fértil a medida que transcurría el tiempo. La teoría del doble vínculo fue y es parte de esta epistemología general, no fue inducida ni deducida de ella (Bateson, 2006, p 256)⁴

Portanto, a interação produzida pelo atrito entre características processuais que identificam a vida de um objeto científico constitui o estímulo para sua mudança e a possibilidade de percebê-lo como diferença que só pode ser apreendida, se observada longe das constantes recursivas e das simetrias classificatórias e, sobretudo, tipológicas. As diferenças habitam o território epistemológico das assimetrias que, quando banalizadas e polarizadas, transformam a produção científica em explicação totalizante que permite confundir metodologia e epistemologia.

⁴ Essa rede de ideias ou matriz foi fértil não no sentido de dar nascimento a ideias separadas dela mesma, mas no sentido de que fez nascer outras partes de si mesma, pois a matriz foi algo que cresceu e se foi tornando cada vez mais complexa, cada vez mais ampla no seu alcance e, segundo acredito, cada vez mais fértil à medida em que que transcorre o tempo. A teoria do duplo vínculo foi e é parte dessa epistemologia geral, não foi induzida ou deduzida dela (Bateson, 2006, p. 256)

Essas questões apontadas pelas propostas epistemológicas de Bateson nos levam a voltar àquela necessidade de saber como, historicamente, são geradas as perguntas e a consequente comparação entre elas.

Enquanto membro do Grupo de Pesquisadores (conferências Macy 1946-1953) responsável pelo avanço da investigação das primeira e segunda cibernéticas e dos princípios básicos de uma ecologia da mente, a interação entre mudanças em processo nos permite entender como o aprendizado sistêmico (Bateson 2006, pg 264) ou a história das perguntas formuladas a um objeto científico permite perceber que assim como é necessário “saber perguntar”, é possível “aprender a perguntar” e a ver as mudanças de um objeto que tem suas diferenças registradas/criadas/ divulgadas pela própria pergunta investigativa que assegura a originalidade científica. Esse “aprender a aprender” dá origem ao célebre conceito de “duplo vínculo” visto anteriormente e supõe outra energia comunicativa e, em confronto com contextos distintos, descobrir alternativas de sentidos que superam adaptações e se redescobrem em processos de diferenças que desorganizam os sentidos recursivos estabelecidos. (Bateson, 2006,p 265)

Aponta-se para outra vertente epistemológica para a comunicação que vai muito além dos princípios funcionalistas ou transmissivos que pareciam selar definitivamente os processos comunicativos e sua epistemologia.

3.3. O empírico como exercício de sagacidade

Confinada a uma pergunta, a empiria não se refere a estabilidades fenomênicas mas, provisória e modificável, observa as sutis transformações que sugerem perguntas apreendidas nos rastros/índices daquelas mudanças. Afastando-se de qualquer tendência metodológica dogmática, Carlo Ginzburg está atento ao rastro “ “ que caracteriza esse saber é a capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar a uma realidade complexa não experimentável diretamente”” (Ginzburg, 1989, p 152)

Mais do que simples índices de um objeto, os rastros referem-se, simultaneamente, ao presente observado e às perguntas feitas ao mesmo objeto no passado; e nos permite pensar que o empírico não é apenas uma atividade, mas constrói uma epistemologia nada estável.

Por isso mesmo, sugere construir, no tempo, uma dialética não progressiva de perguntas e respostas que, curiosamente, nos reporta ao próprio modo como as perguntas foram formuladas e à procura de um tempo nada linear ou único; procura-se os rastros de outras perguntas que, sem serem recursivas, permitem compará-las a fim de descobrir as diferenças do objeto nas descontinuidades das perguntas formuladas. Nesse sentido, a atividade empírica pode ir muito além do simples rastreamento de índices, conforme propõe Ginzburg e Braga resgatou em texto conhecido(2008, p 73), para definir tendências empíricas de manifestações, não propriamente do objeto, mas das perguntas a ele formuladas. Existe, portanto, uma memória empírica que se afasta do memorável consagrado pelo consenso, para reformular-se, a cada pergunta, como curiosidade de revisão do estabelecido: daí a pergunta encorajar a dissensão. O empírico procura, nas frestas/rastros da certeza, as possibilidades da dúvida que levam a outras perguntas, sabendo, historicamente, como perguntar. Entretanto, acompanhar o modo como as perguntas são feitas ou as perguntas feitas a um mesmo objeto não quer dizer recuperar, mas criar dissensões no modo de perguntar a fim de ser possível descobrir, no objeto, outras faces e interfaces que o fazem inusitado como objeto de investigação: naturalmente essas faces não estão no objeto, mas são projetadas pela própria originalidade da pergunta suscitada como iniciativa relacional do pesquisador. A dúvida e a necessidade de saber como perguntar ou de aprender a perguntar a partir do aprendido constroem a arquitetura dos estreitos caminhos do conhecimento.

3.4. O empírico como exercício cognitivo

Como vimos, se a definição de um objeto de estudo demarca factual e tematicamente os horizontes da pesquisa, essa marca não é suficiente para definir a natureza do empírico, ao contrário, vai mais além e se debruça sobre o próprio pesquisador e sua capacidade de observar, sua maturidade intelectual e, sobretudo, mas não exclusivamente, sua capacidade de fazer inferências sobre o observado, ou seja, sua capacidade de produzir conhecimento, pois outro não é o objetivo da investigação.

Desse modo e talvez indo além do que propõe Carlo Ginzburg, a simples coleta dos índices fenomênicos que denunciariam uma possível filiação ontológica de um objeto observado,

não é suficiente para definir e consolidar a atividade empírica. Essa coleta poderá fornecer elementos ponderáveis da originalidade do objeto, mas não assegura a certeza inferencial que, ao contrário, deve brotar do olhar atento e da sagacidade do pesquisador para descobrir/produzir, entre aqueles índices, o inusitado de variáveis que, trabalhadas em relação, permitem produzir novo conhecimento, outra visão de mundo. Revelam-se mutuamente, o conhecimento e o pesquisador que se mostram quando se produz conhecimento: ambos constituem sintomas evolutivos do conhecimento, embora nunca sejam autossuficientes ou autoexplicativos porque ambos são, apenas, uma imanência da própria capacidade do homem de propor sem “aspas” e sem a necessidade de elementos que atestem, teórica e metodologicamente, a validade causal do conhecimento. Sorrateira, a pergunta pode emoldurar a dúvida, mas nem sempre a revela, pois dúvida/pergunta não se confundem ou se superpõem, embora a dúvida seja vital para a emergência da pergunta pois é ela que produz o estímulo indispensável à inferência cognitiva.

Se a atividade empírica constitui uma dissensão que perturba o consenso epistemológico entre teorias e métodos consolidados e, em consequência, é considerada como atividade que não merece crédito científico, parece que é possível entender que essa desconfiança decorre da própria aventura investigativa que, sem pressupostos, entende ser possível produzir conhecimento a partir da dúvida e daquilo que não se conhece. Entretanto e ao contrário daquela desconfiança, parece ser possível entender que o conhecimento produzido pelo dogmatismo de teorias e métodos consagrados constitui o próprio obstáculo epistemológico de uma área científica:

Ora, para o espírito científico *traçar claramente uma fronteira é já ultrapassá-la.*

A fronteira científica é menos um limite do que uma zona de pensamentos particularmente ativos, um domínio de assimilação. Pelo contrário, a fronteira imposta pelo metafísico apresenta-se ao sábio como uma espécie de fronteira neutra, abandonada,, indiferente.

(Bachelard, 1971.p 25)

4. O empírico como experiência

Se teorias e métodos consagrados são detentores de uma totalidade que, real ou imaginária, pretende tudo explicar, a pergunta gerada pela dúvida é, ao contrário, pensada, desde a

origem, como relativa, embora possível; parcial, embora exigente de razoabilidade capaz de fazê-la sustentar-se como uma aspiração a respostas. Uma tentativa.(Braga, 2010, pg. 65).

Se a anterior tendência ao universalismo tende às singularidades exemplares de teorias e métodos prontos para serem repetidos á exaustão; as perguntas que duvidam porque duvidosas, são múltiplas e polivalentes e decorrem de experiências de observação do presente que procuram, no passado, reflexos solidários capazes de inspirá-las e fazê-las prosseguir, embora sem mimetismos aplicáveis à observação presente.

É essa exigência de procura que faz do empírico uma atividade e, sobretudo, uma experiência sempre diferente do empirismo que, no século XVII com Hume, alicerçou-se como um realismo científico estabelecido a priori pela convicção de que o hábito seria capaz de garantir um domínio científico feito de repetições e redundâncias.

Ao contrário, o empírico é múltiplo e liderado pela experiência e capacidade de desmontar sensações reativas contra o contraditório e o inusitado. No domínio empírico, nada se repete e nada pode ser assumido como verdade definitiva.

A experiência de convivência com a dúvida que estimula a perguntar transforma o cotidiano em constância estratégica dominada pela atenção que tudo observa e relaciona, a fim de ser possível produzir inferências. Essa experiência nada tem de insólito, ao contrário está sempre em estado de prontidão observante, uma espécie de jogo que transforma o tempo em unidade que, sem cronologia, mantém-se alerta em um espaço onde tudo está pronto a ser conectado, integrado aqui e agora.

Uma atividade empírica feita de experiências estratégicas onde o jogo está em perguntar, sem ter como objetivo respostas que convalidem a adequação da pergunta. Provavelmente é dessa forma que podemos entender a consagrada vigilância epistemológica proposta por Bachelard (1971, p 129) e, frequentemente, interpretada em sentido inverso, entendendo que a vigilância aplicada ao rigor de observância de uma ciência mais dogmática, do que empírica e, sobretudo, atenta à manutenção dos paradigmas que a identificam no território científico. Quando Bruno Latour se propõe a rever os conceitos de “sociedade, ordem social, prática social, dimensão social, estrutura social” (Latour, 2006, p 9) para construir uma sociologia das associações , observa que se passará a tratar de distintas vertentes do “social”, tendo em vista a exagerada precariedade de sentidos designados através dos conceitos enunciados acima:

L'objet de ce livre se laisse facilement résumer: lorsque les chercheurs en sciences sociales ajoutent l'adjectif "social" à un phénomène, ils designent un état de choses stabilisé, un assemblage de liens qu'ils peuvent ensuite invoquer, si nécessaire, pour rendre compte d'un phénomène. Il n'y a rien à dire à cet usage du terme, tant qu'il designe ce que est déjà assemblé et qu'il n'implique aucune hypothèse superflue quant à la nature de ce qui est assemblé. Les problèmes commencent toutefois à surgir lorsque l'adjectif "social" se met à designer un type de matériau, comme si le mot était comparable à des adjectifs comme "métallique", "biologique", "économique", "mental", "organisationnel" ou "linguistique". À ce stade, le sens du mot se dédouble, puisqu'il designe désormais deux choses totalement différents: d'une part, un mouvement qui se produit au cours d'un processus d'assemblage; et d'autre part, un ingrédient spécifique distinct d'autres types de matériaux. (Latour, 2006, p. 7)⁵

Embora longa, essa citação deixa claro que o alerta científico de Latour não consiste em acompanhar a recursividade da sociologia como disciplina, ao contrário, chama a atenção para notável mudança que confere àquele alerta epistemológico outra dimensão tão urgente, quanto radical; trata-se de ir além da simples emergência fenomênica dos social, para verificar em que consiste o social que, emergindo como um fenômeno, pode constituir diferença que torna instável o que se entende pelo emprego mecânico daquela palavra, entendida como um adjetivo. Ou seja, a ciência nunca é estável, mas em processo, altera-se para desestabilizar todos os paradigmas que lhe conferem identidade definitiva. Ciência é diferença que, para ser notada, exige outro pesquisador.

A sociologia das associações que, para Latour, redefine a sociologia e o social constitui a base da célebre teoria do ator rede (TAR) que, para o enfoque desse trabalho, não propõe, apenas, uma revisão de paradigmas sociológicos, mas constitui uma redescoberta da epistemologia quando se propõe a enfrentar o cerne do social ou, no nosso caso, quando se propõe a estudar a comunicação que, sem definições estáveis, exige ser revista e redescoberta em cada processo comunicante.

Nesse sentido, a sociologia das associações ou a comunicação enquanto comunicante, nunca serão as mesmas definidas por um objeto científico estável. As associações são um tipo de

⁵ Tradução em Latour, Bruno. Reagregando o Social uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador/Bauru-SP: Edufba/Edusc, 2012 p. 17

relação ou conexão entre elementos, não necessariamente sociais (Latour, 2006 p. 13), ou a comunicação será comunicante, mesmo que à revelia de um meio técnico. Nos dois casos, teremos, conforme a proposta capturada no próprio Latour, uma sociologia ou uma comunicação críticas. (Latour, 2006, p 17)

Abre-se para a epistemologia como exercício científico a necessidade de aprender a ver para poder pesquisar, saber perguntar para poder enfrentar uma dúvida porém, nos dois casos, a pergunta surge carregada de intencionalidades que impõe ao pesquisador assumir politicamente, as consequências das suas perguntas, porque elas projetam sobre o processo comunicante uma dúvida, não consagrada como científica. Desse modo, a pergunta é pré-científica, mas carregada de intencionalidades que, no limite, estão na fronteira de outras dimensões críticas e transformadoras dos processos comunicantes:

Toutefois, l'opposition entre une science détachée, désintéressée et objective, et une action engage, militante et passionnée perd tout son sens dès que l'on considère le formidable pouvoir de toute scientifique – et le fait qu'elle soit "naturelle" ou "sociale" n'y change rien. (Latour, 2006, p. 366)⁶

Nesse alerta científico, reside o método empírico que, sem convicções determinadas e divulgadas como caminho correto e regular da pesquisa, surge mais como uma estratégia metodológica que se reinventa a cada experiência que decorre de estímulos inusitados de faces inesperadas do objeto científico, mas nunca determinadas por ele. Um método à revelia da metodologia, um método sem método:

La définition de la sociologie que j'ai proposée ici en m'inspirant de la sociologie des sciences devrait pouvoir revendiquer non seulement une prise empirique renouvelée sur le réel, dans la mesure où elle se rend partout où vont les nouvelles associations, au lieu de s'arrêter à la frontière du social tel qu'on l'entend habituellement; mais elle doit pouvoir aussi se révéler politiquement pertinente dans la mesure où elle affronte à nouveau la

⁶ Entretanto, a oposição entre uma ciência pura, desinteressada e objetiva

question de l'assemblage entre les nouveaux participants et tous les candidats à l'existence commune qu'elle est parvenue à déployer. (Latour, 2006, p 362)⁷

A partir de Latour e no nosso caso, colocam-se em revisão os conceitos da comunicação, suas afirmações recursivas e seus hábitos metodológicos que já não se adaptam a repetições e sugerem nova associação comunicante na redefinição epistemológica da comunicação. Aquela proposta de uma epistemologia crítica aponta que a aderência à urgente necessidade de uma metodologia estabelecida e consagrada se propõe à pesquisa do objeto científico como um reconhecimento daquilo que se considera ajustado à comunicação. Dessa forma, os resultados da pesquisa surgem marcados pela redundância pois, ante os objetos assumidos como comunicantes, recupera-se as invariáveis que devem ser tratadas sempre da mesma forma a fim de que não se corrompa o pressuposto de reconhecimento daquilo que é considerado próprio à comunicação. Essa metodologia de reconhecimento se propõe como uma receita adequada à área carente de um objeto científico estável e passivo e procura um mapa que deve coincidir, ponto a ponto, com a área como território científico. Nesse caso, o mapa é o território.

5. Comunicação empírica: o mapa não é o território

“O que são desvios para os outros, são para mim os dados que determinam a minha rota. – Construo meus cálculos sobre os diferenciais de tempo - que, para outros, perturbam as “grandes linhas” da pesquisa.....Este trabalho deve desenvolver ao máximo a arte de citar sem usar aspas. Sua teoria está intimamente ligada à da montagem” (Benjamin, 2006, p. 499)

A comunicação empírica exige a presença de um pesquisador atento, mas também disponível à surpresa da observação de um inesperado que flagra sua experiência e é por ele flagrado.

e uma ação engajada, militante e apaixonada perde todo seu sentido quanto se considera e formidável poder de coletar (reunir) de toda disciplina científica – e o fato de que ela seja aí “natural” ou “social” nada muda (Latour, 2006 p. 366)

⁷ A definição de sociologia que proponho me inspirando da sociologia da ciência deveria poder reivindicar não somente uma apreensão empírica, renovada do real, na medida em que ele está em todo lugar para onde vão as novas associações, em lugar de permanecer na fronteira do social como ocorre habitualmente, mas ela deve poder também se revelar politicamente pertinente à medida em que ela se defronta novamente com a questão da reunião entre os novos participantes e os novos candidatos à existência comum que ela pode chegar a desenvolver (Latour, 2006, p 362)

Recortar, na experiência comunicativa, frágeis observações aparentemente descontínuas e irrelevantes constitui o cerne da própria atividade empírica que vive de resíduos observados, mas não obrigatoriamente observáveis, visto tratar-se de simples resíduos. Nessa montagem, a pergunta suscitada pela dúvida constitui cimento que permite relacionar os resíduos observados e, na história, as perguntas formuladas por outros pesquisadores aos mesmos objetos ou análogos a eles.

Pensa-se, portanto, em uma sincronia de perguntas que, dialeticamente, se tensionam a fim de circunscrever o espaço, o território ou a substância de um objeto científico da comunicação: uma dialética sem recursividade mas que, sincronicamente, desenha, recuperando mais uma vez Benjamin, o diagrama dialético na imobilidade de uma cognoscibilidade que, sem ser linear ou progressiva, propõe que o conhecimento não se deve repetir, mas é revisitado, na história, sempre que o atenção empírica se debruça sobre o objeto da comunicação, por exemplo. Esse objeto se reinventa a cada atividade empírica que sobre ele se debruça, e essa reinvenção constrói um mapa que, evidentemente, não coincide com o território.

Nesse sentido, o cerne definidor de uma área científica não se restringe à delimitação do seu objeto, mas ao contrário, se define pela possibilidade de redescobri-lo ao encontra-lo refletido nas sutilezas de uma pergunta empírica que o desenha, mas não o define. Se no diagrama que indaga não é possível encontrar as delimitações de um território científico, é possível inventá-lo, apesar das armaduras técnicas ou tecnológicas que o dissimulam.

6. Referências bibliográficas

- Bachelard, Gaston. **A Epistemologia**. Lisboa: Ed 70, 1971
- Bateson, Gregory. **Una unidad sagrada Pasos ulteriores hacia una ecologia de la mente**. Barcelona: Gedisa, 2006
- Bhabha, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. da Ufmg, 2007 (4º reimpressão)
- Braga, José Luiz. “Comunicação, disciplina indiciária” em **Matrizes**, São Paulo: Eca/Usp, Janeiro/junho 2008
- Braga, José Luiz. “Nem rara, nem ausente – tentativa” em **Matrizes**, São Paulo, Eca/Usp/Paulus, 2010
- Flusser, Vilém. **Pós História: vinte instantâneos e um modo de usar**. São Paulo: Duas Cidades, 1983
- Ginzburg, Carlo. **Mitos Emblemas Sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

- La Découverte, 2006 (trad. bras. **Reagregando o Social uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador/ Bauru S.P.: Edufba/Edusc, 2012
- Latour, Bruno. **Changer de société refaire de la sociologie**. Paris
- Lotman, Iuri. **La Semiosfera I**. Madrid: Catedra, 1996
- Prigogine, Ilya/ Stengers, Isabelle. **A Nova Aliança**. Brasília: Ed Univsersidde de Brasília, 1984
- Santos, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma Ciência Pós-Moderna**. Porto: Afrontamento, 2002 (6º ed)